

Reprodução



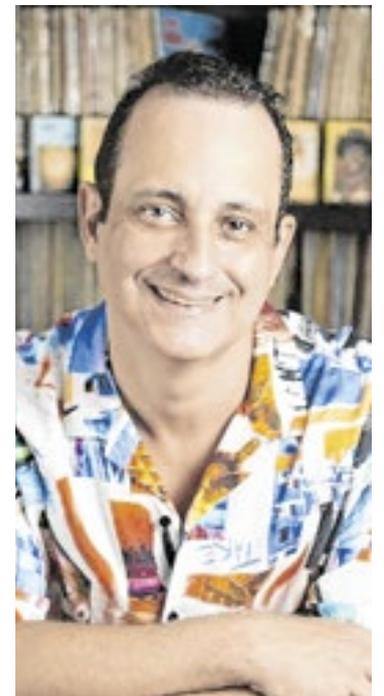
No início de sua carreira, Beth Carvalho conquistou o Brasil defendendo, com os Golden Boys, a toada 'Andança', de Edmundo Souto, Paulinho Tapajós e Danilo Caymmi no III Festival Internacional da Canção, em 1968

Divulgação



Cena do documentário 'Andança - Os Encontros e a Memória de Beth Carvalho'; desde que aderiu ao samba, a cantora tornou-se assídua frequentadora das rodas. Nelas conhecia as canções que levaria para seus álbuns

Acervo Pessoal



Renomado pesquisador musical, Rodrigou Faour foi o nome escolhido pela própria Beth para produzir a biografia

# Dos festivais às rodas de samba

Reprodução YouTube



**Beth Carvalho desenvolveu uma relação muito especial com os partideiros do Cacique de Ramos e foi a responsável pela primeira gravação de uma canção do jovem Zeca Pagodinho, que viria a ser o mais ilustre de seus 'afilhados'**

**E**lizabeth Santos Leal de Carvalho nasceu em uma família de classe média na Zona Sul. Antes do samba, frequentou as rodas da bossa nova e da MPB. O primeiro disco, "Conjunto 3D - Muito na Onda", saiu em 1967 com ela e Eduardo Conde nos vocais, do grupo comandado pelo pianista Antonio Adolfo. Na mesma época, seria associada ao movimento de vida curta Musicanossa, que tentava manter a bossa nova viva.

Faour vai narrando os acontecimentos a partir dos anos 1960. Na época, a indústria da música sobrevivia entre o rádio, a televisão que desabrochava e os festivais. Foi nestes últimos que Beth conseguiu abrir caminho na carreira.

Ativa nos concursos em evidência da época, foi com a apresentação da toada "Andança" - composição de Edmundo Souto, de quem ficou noiva, Paulinho Tapajós e Danilo Caymmi - com o grupo Golden Boys, no 3º Festival Internacional da Canção de 1968, que ganhou reconhecimento como cantora e obteve seu primeiro sucesso. A música ficou em terceiro lugar.

Optou pelo samba a partir de 1972. No ano seguinte, apresentou

seu primeiro álbum voltado ao gênero: "Canto Por um Novo Dia". A partir daí, o livro navega bem pelos discos da cantora, além de mostrar como sua ideologia se misturava aos seus trabalhos. Em seus registros fonográficos, abriu espaço para compositores de pouco reconhecimento por achar que as grandes músicas estavam nas mãos dessa gente esquecida. Gravou sambas que se tornaram enorme sucesso do gênero baseado na proposta de recolher composições na fonte do samba, como "1.800 Colinas" (Gracia do Salgueiro, 1974), "Saco de Feijão" (Chico Santana, 1977) e "A Chuva Cai" (Argemiro e Casquinha, 1980). Era onipresente nas rodas e escolas de samba, como a do coração, a Mangueira. Embora convivesse em ambientes de consumo elevado de bebida alcoólica, só bebia Coca-Cola.

Tinha profunda admiração por Nelson Cavaquinho e no primeiro disco gravou duas músicas do compositor. "Folhas Secas", dele com Guilherme de Brito, foi uma delas, que se transformou em polêmica por ter sido registrada pouco antes por Elis Regina no disco "Elis", depois que o produtor da gravadora, Roberto Menescal, incluiu no tra-

balho da Pimentinha sem o conhecimento de Beth.

Depois de a cantora fazer incursões numa roda de samba que acontecia na quadra do Cacique de Ramos, na Zona Norte do Rio, gravou o álbum "De Pé no Chão" (1978), um marco por trazer aquela talentosa turma para o seu disco. A geração do Cacique seria marcada, além das ótimas composições, pela mudança na instrumentação do samba, com a introdução do repique, tantã e banjo com afinação

de cavaquinho. E a cantora, a partir daí, passou a incorporar nos trabalhos seus compositores e músicos, que a chamavam carinhosamente de "Madrinha". A obra traz a lista dos compositores mais gravados por ela e a geração caciqueana está em peso: Arlindo Cruz, Sombriinha, Almir Guineto, Jorge Aragão, Luiz Carlos da Vila e Marquinho PQD. Soma-se a eles seu "afilhado" maior, Zeca Pagodinho.

Beth gravou músicas de cunho político-social em seus discos, tema

tratado na biografia com relevo. Duas se tornariam hinos: "Agoniza Mas Não Morre", de Nelson Sargento, lançada em 1978, e "Virada", de Noca da Portela e Gilper, lançada em 1981.

Para selecionar um repertório para um disco de 12 faixas, Beth e seus produtores chegavam a ouvir mais de 400 músicas. A cantora conhecia teoria musical e harmonia, o que fazia das suas escolhas algo muito criterioso. Teve discos de muitas vendagens, mas o arrefecimento do ciclo do samba tradicional a atingiu. Criticou a música rotulada de pagode nos anos 1990, mas amenizou o discurso ao descobrir que boa parte dos pagodeiros a admirava. Começou a fazer álbuns ao vivo, para atender uma tendência de mercado, pontuada com músicas inéditas. Numa dessas, saiu o seu último sucesso: "Água de chuva do mar" (Wanderley Monteiro, Carlos Caetano e Gerson Gomes), no álbum "Pagode de Mesa 2" (2000). Já acamada, fez show deitada num sofá em 2018. Beth deixou uma gravação inédita, ainda não lançada, feita em 2006 no Theatro Municipal. A obra de Faour é uma referência de como construir uma carreira no samba.